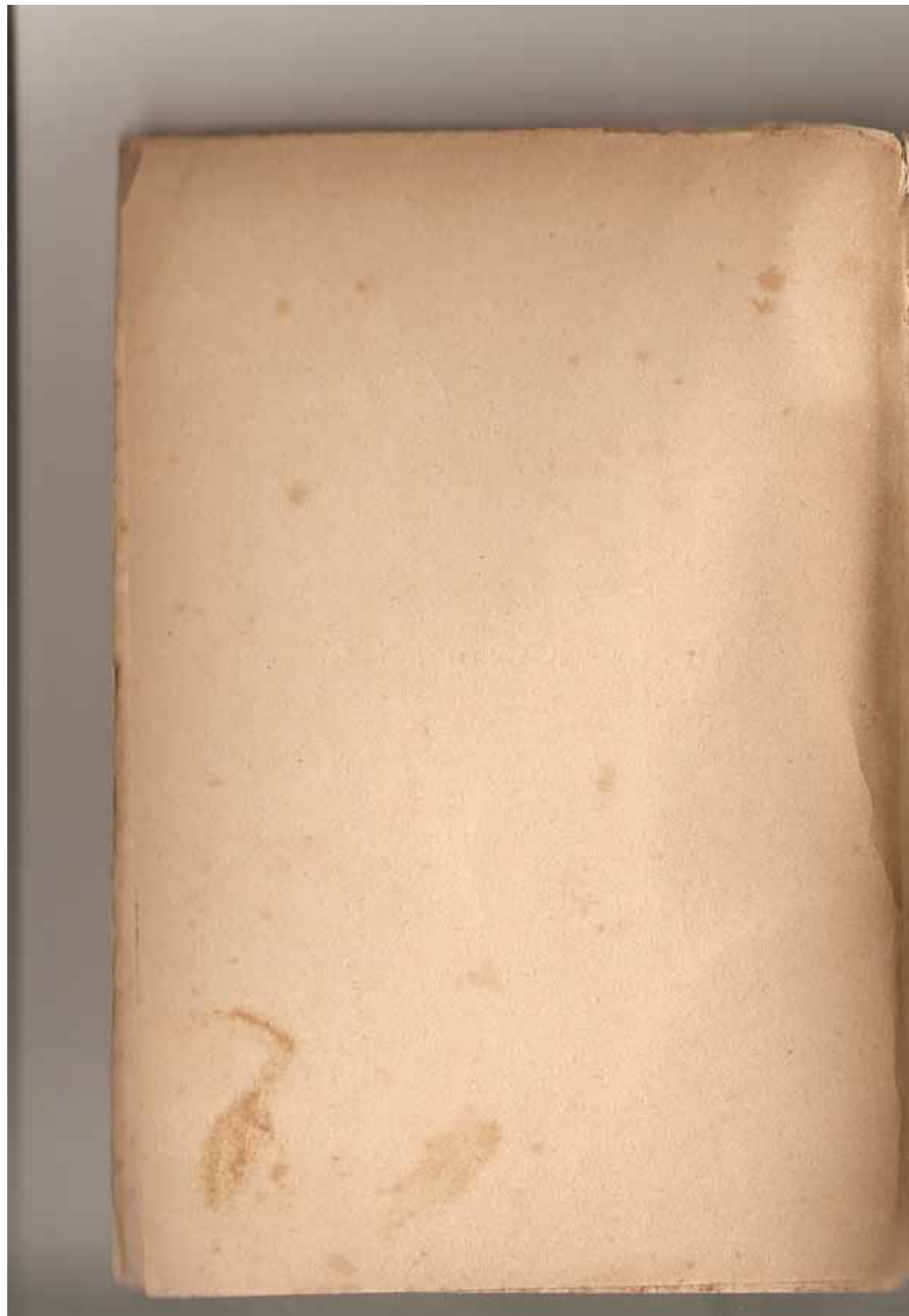


livro Dom
Pedro II
digitalizado
PARTE I

Núcleo De
Processos
Criativos

www.nuproc.cce.ufsc.br



Poesias Completas

de

Pedro II

(Com um prefacio de MEDEIROS E ALBUQUERQUE)

(Originaes e traduções.

Sonetos do exilio.

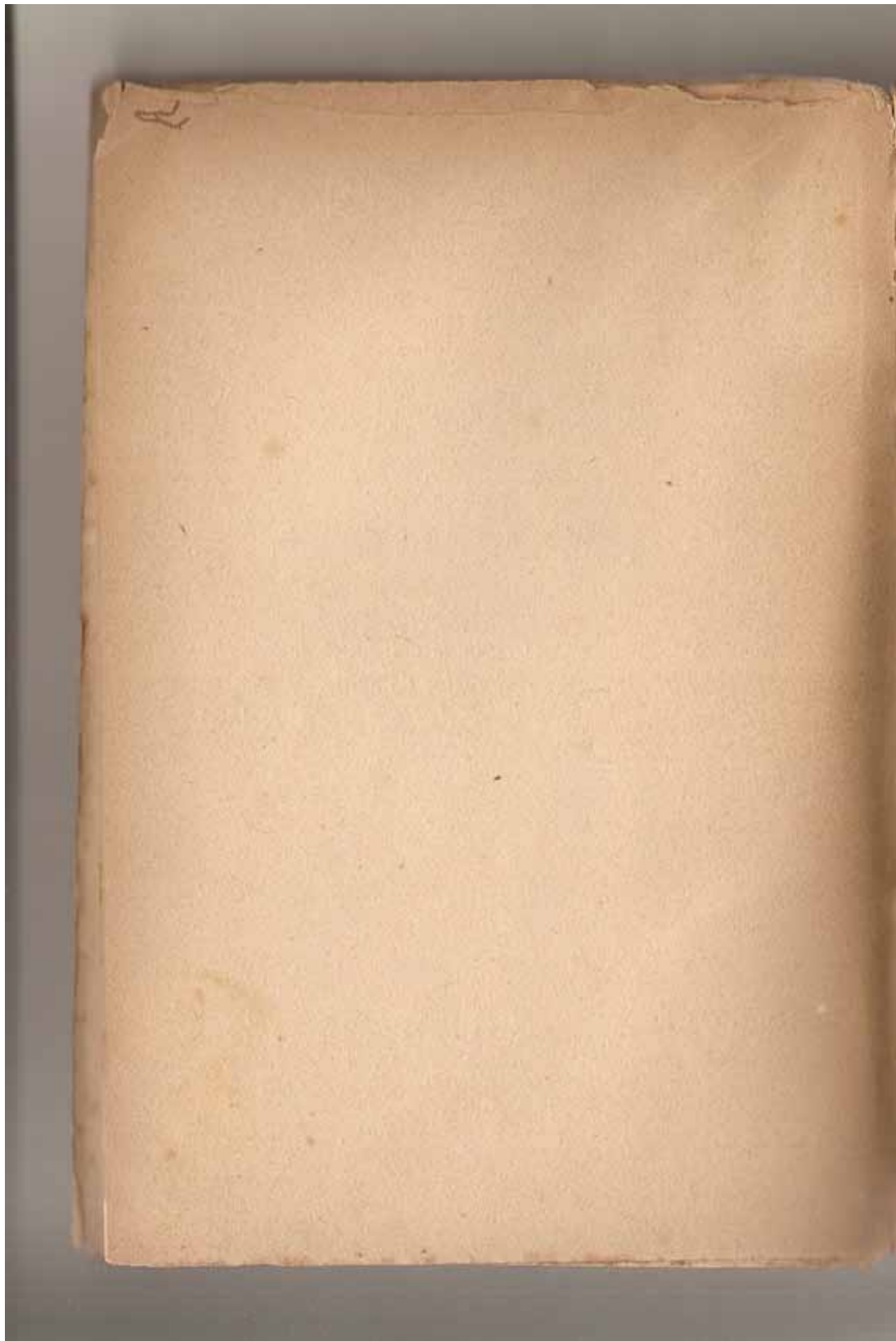
Autenticas e apócrifas)

Editora Guanabara

WAISSMAN, REIS & CIA. LTD.

RUA DOS OURIVES, 95

1932



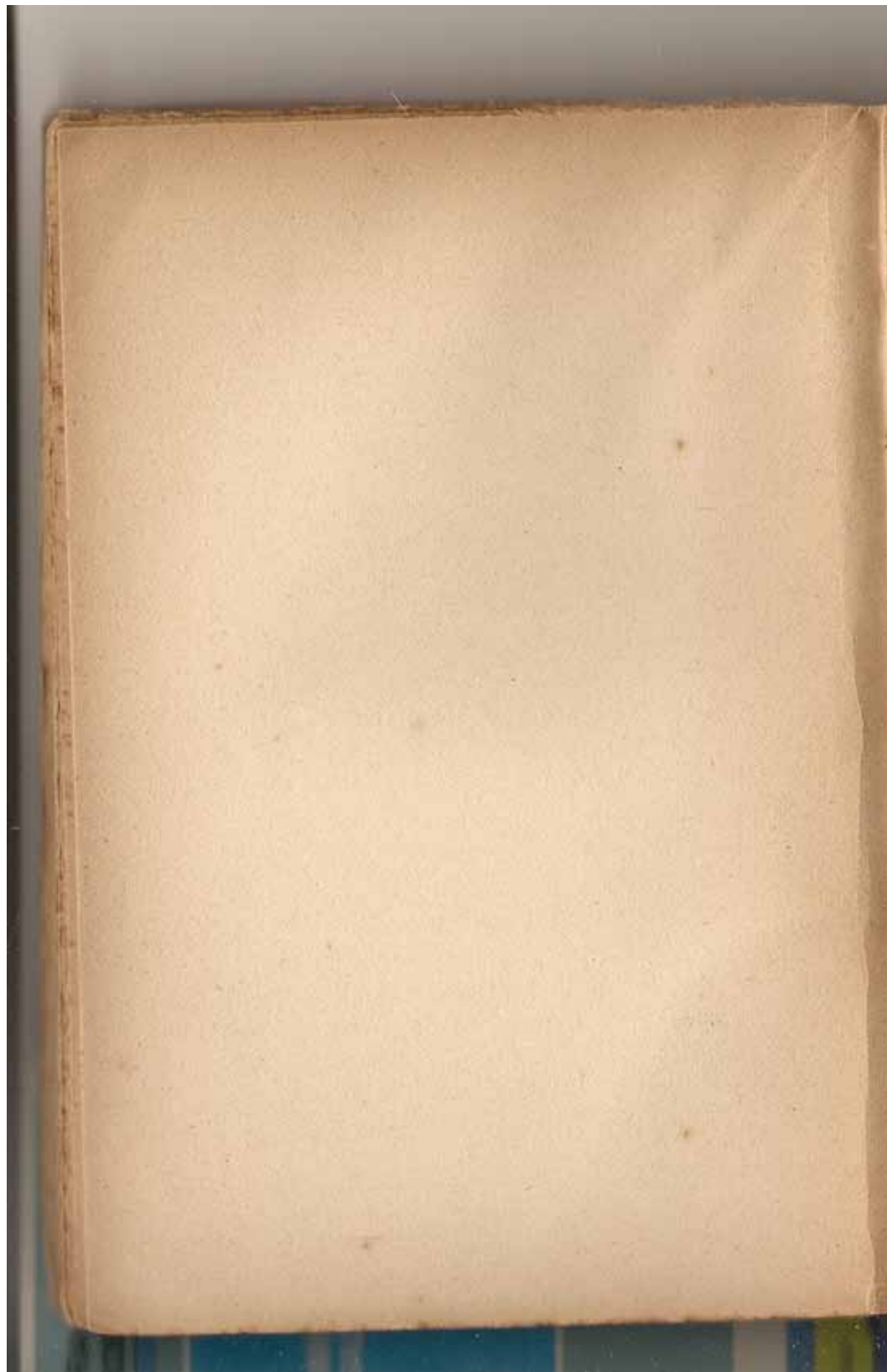
PREFACIO

E STÃO reunidas neste volume todas as poesias de D. Pedro II.

Destas, algumas são autenticas. Foram publicadas em 1889, quando ele ainda estava no trono. Seus netos as editaram no CORREIO IMPERIAL, que era um jornalzinho cuja tipografia fazia parte do proprio Palacio Imperial em Petropolis.

O Imperador viu essa edição e a aprovou do modo mais solene, em um dos seus estupendos sonetos, que ficou incorporado ao volume.

Hoje, essa edição é rarissima. Ha, porém, entre outros, um exemplar no Instituto Historico e outro na Bibliotheca Nacional. Eu tive em mãos um, que pertence a D. Julia Lopes de Almeida. Havia outro na bibliotheca de Joaquim Nabuco. Foi deste, vendido ao Governo e que se acha na Biblioteca do Itamaraty, que eu fiz copiar as poesias, encontradas neste volume. Assim, quem tiver qualquer duvida sobre a fidelidade da copia póde verificar o fato.



Poesias

(Originaes e Traducções)

de

S. M. O Senhor D. Pedro II

Homenagem de seus Netos

PETROPOLIS

Typ. do "Correio Imperial"

MDCCCLXXXIX

(Nota: reprodução exata do frontêspicio da edição original, publicada em 1889).

Ao lado dessa edição, ha a dos chamados SONETOS DO EXILIO publicada em Paris, em 1898 e que são indiscutivelmente apócrifos : uma impostura literaria.

Para ter a certeza disso, basta ler as primeiras poesias que se acham nesta obra. O contraste é tão eloquente que dispensa qualquer demonstração. Positivamente o homem que durante 42 anos fez versos no genero dos da primeira parte do volume, que o leitor tem em mãos, não pode ser autor dos sonetos da segunda parte.

É bom lembrar outra vez que as poesias autenticas do Imperador foram publicadas em 1889, precisamente, portanto, no mesmo ano em que se diz que foram feitos os SONETOS DO EXILIO.

Ora, admite-se perfeitamente que um poeta mediocre tenha uma grande inspiração e faça subitamente uma composição de valor. A historia literaria registra varios fatos dessa natureza. Para o comum do publico o exemplo mais celebre é o de Arvers e do seu celebre soneto. Jules Barbier, o autor de Iambes et Poemes e Louise Ackermann, foram poetas secundarios. No entanto, nos Iambes ha duas ou tres poesias sublimes. O mesmo succedeu com Madame Ackermann.

Nós mesmos temos o exemplo da Ode a Waterloo, do Visconde de Araguaya, que destôa pela sua

grandeza da mediocridade do resto das composições do mesmo autor.

Mas todos esses poetas sabiam fazer versos. As suas outras composições eram mediocres, mas mediocres pelos assuntos. A tecnica não se podia dizer muito ruim: o mal estava na substancia.

Mas no caso do Imperador, a hipótese é outra. Ele sempre foi (podem vê-lo) integralmente pessimista: deficiência de idéas, imperfeição de técnica.

Uma idéa boa, uma idéa sublime, pode brotar de repente. O que, porém, não se improvisa é uma técnica. Só a pratica permite adquiri-la. É assim em qualquer arte, desde a sapataria até a poesia...

Não se pode, por isso, admitir, que o homem que chegou até os 64 anos, sempre fazendo, com louvavel coerencia e perseverança, versos ruins, versos abominaveis, produzisse os chamados SONETOS DO EXILIO, que, si não são sublimes, são pelo menos muito razoaveis.

Notem que ninguém viu os originais desses famosos sonetos.

Isso, porém, é o menos, porque autógrafos seriam susceptiveis de falsificação.

O essencial é a comparação entre as poesias autenticas e os SONETOS DO EXILIO. Nos primeiros, o Imperador é sempre igual a si mesmo.

Vejam o primeiro soneto, que ele fez aos 22 anos, e em que ha este espantoso verso:

"do pai, a quem, ó Deus, tua espada corta"

e depois, aos 63 anos, a quadra á Princeza da Baviera, que tinha visto o sol, á meia-noite, no Cabo do Norte, na Noruega :

Sol, qu'espia á meia-noite,
 não achaste extravagante ?
 Mais' belo e sisudo foi-te
 o meu a horas brilhante.

Que é o que isso pode querer dizer ? Quem foi que já viu sol "sisudo" ? Que extravagancia pode haver no sol á meia-noite, acima do circulo polar, quando isso é, ao contrario, da mais simples normalidade astronomica ?

Toda uma vida de versos ruins, até os 64 anos, em que não produziu nada a que se possa, mesmo com grande benevolencia, chamar, ao menos, sofrível !

O que não é péssimo é ultra-péssimo.

Nos sonetos autenticos do Imperador não ha um só em que não se encontrem ou versos errados, ou versos frouxos : uma indigencia miseravel de forma e de fundo.

Como se poderia admitir, que, um ano depois, alquebrado pela velhice e pela molestia, podesse produzir o que ele nunca produzira nem na mocidade, nem na maturidade ? Bruscamente, esse sexagenario, que já era positivamente um inválido e que

nunca anteriormente fizera um soneto certo, passou a fazer bons sonetos?

O que se vê é que, como essas produções atribuídas ao monarcha foram aplaudidas — e deviam realmente sê-lo, porque são dignas disso — a família imperial, de que alguns membros, a principio, tinham negado a autoria dos sonetos do exilio, acabaram por calar-se, accitando-a.

Diante dessa inegavel fraude, uma pergunta aparece: a quem podem ser atribuidas essas composições?

E' talvez inutil esperar que o misterio seja esclarecido. Quando se diga um nome qualquer, immediatamente apparecerão contestações energicas. Si aquelle que fez os versos — fê-los principalmente para aumentar o mérito do imperador, não virá revelar o que se pode chamar a sua piedosa impostura, inspirada em nobres motivos.

A bordo, com o Imperador, foram d'aqui para a Europa o Conde de Motta Maia e um de seus filhos, a viscondessa de Fonseca Costa, o conde de Aljezur, o barão e baroneza de Muritiba e André Rebouças...

Até aí, não se encontra nenhum de quem se possa suspeitar. Rebouças, homem de superior talento, nunca foi poeta. Mas a lista não acabou. A bordo, ia tambem o barão de Loreto — e esse, sim, era poeta...

Os parentes, que ainda vivem, negarão, de certo, que fossem dele os sonetos. Nega-lo-ão com a mesma energia com que ele proprio o teria feito e ainda hoje o faria.

Em todo caso, a coincidência é de notar... Até os 64 anos o imperador sempre fez versos errados, banais, de uma indigência de idéas e de uma imperfeição de forma tais, que se recusariam a assiná-los até os mais incorretos principiantes.

Depois dos 64 anos, doente, alquebrado fisicamente, acabrunhado moralmente, mas viajando junto de um poeta, atribuem-lhe versos, de que ninguém viu os originiais e que, pela primeira vez, são bons, certos, elevados no pensamento e corretos na forma...

Uma hipótese corrente é a que atribue a Carlos de Laet a autoria dos SONETOS DO EXILIO. E' bom, de fato, notar que essas composições, embora passando por ter sido escritas a bordo, só no Brasil foram primeiro divulgadas.

Quando, em artigo publicado na REVISTA DA ACADEMIA, eu discuti o caso e aventei as hipóteses acima, não conhecia esta ultima. Desde, porém, que para ela me chamaram a atenção, notei uma circumstancia curiosa.

Laet nunca perdeu ocasião, nem de me agredir, nem de defender o Imperador. Dessa vez, entretanto, em que podia satisfazer simultaneamente esses dois grandes prazêres, ficou silencioso.

Isso não basta, é claro, para provar nada ; mas foi tão estranho...

É interessante notar que ha quem alegue como prova de alto valor de Pedro II o grande apreço que por ele tinha Victor Hugo.

Em primeiro lugar, esse alto apreço é uma lenda.

Todos sabem que Victor Hugo elogiava a torto e a direito, todos os que lhe rendiam qualquer homenagem. No principio de cada mez, adotava uma formula de louvor, que lhe servia para agradecer indistintamente todos os livros que recebia durante esse espaço de tempo e que nem ao menos lia.

Ficou celebre um cocheiro de fiacre, que se tornou maluco, graças a um elogio de Victor Hugo. Chepou a candidatar-se á Academia Franceza !

Nessas circumstancias, pode bem imaginar-se como o velho poeta, que até endeusava cocheiros, ficaria vaidoso com a amisade de um imperador autentico, que ia á sua casa e dizia que a verdadeira majestade ali era a dele, Victor Hugo.

O imperador não deixou em parte alguma vestigio nenhum de sua apregoada ciencia.

Muita gente perde de vista o que acontece com os chefes de Estado. A etiqueta proíbe que se lhes façam perguntas. Só eles é que tomam a iniciativa das conversas. Os outros respondem, si são interrogados, mas não têm o direito de interrogar.

Por outro lado, é de regra, quando um monarca

Os parentes, que ainda vivem, negarão, de certo, que fossem dele os sonetos. Nega-lo-ão com a mesma energia com que ele proprio o teria feito e ainda hoje o faria.

Em todo caso, a coincidência é de notar... Até os 64 anos o imperador sempre fez versos errados, banais, de uma indigência de idéas e de uma imperfeição de forma tais, que se recusariam a assiná-los até os mais incorretos principiantes.

Depois dos 64 anos, doente, alquebrado fisicamente, acabrunhado moralmente, mas viajando junto de um poeta, atribuem-lhe versos, de que ninguém viu os originiaes e que, pela primeira vez, são bons, certos, elevados no pensamento e corretos na forma...

Uma hipótese corrente é a que atribue a Carlos de Laet a autoria dos SONETOS DO EXILIO. E' bom, de fato, notar que essas composições, embora passando por ter sido escritas a bordo, só no Brasil foram primeiro divulgadas.

Quando, em artigo publicado na REVISTA DA ACADEMIA, eu discuti o caso e aventei as hipóteses acima, não conhecia esta ultima. Desde, porém, que para ela me chamaram a atenção, notei uma circumstancia curiosa.

Laet nunca perdeu ocasião, nem de me agredir, nem de defender o Imperador. Dessa vez, entretanto, em que podia satisfazer simultaneamente esses dois grandes prazêres, ficou silencioso.

Isso não basta, é claro, para provar nada ; mas foi tão estranho...

É interessante notar que ha quem alegue como prova de alto valor de Pedro II o grande apreço que por ele tinha Victor Hugo.

Em primeiro lugar, esse alto apreço é uma lenda.

Todos sabem que Victor Hugo elogiava a torto e a direito, todos os que lhe rendiam qualquer homenagem. No principio de cada mez, adotava uma fórmula de louvor, que lhe servia para agradecer indistintamente todos os livros que recebia durante esse espaço de tempo e que nem ao menos lia.

Ficou celebre um cocheiro de fiacre, que se tornou maluco, graças a um elogio de Victor Hugo. Chegou a candidatar-se á Academia Franceza !

Nessas circumstancias, pode bem imaginar-se como o velho poeta, que até endeusava cocheiros, ficaria vaidoso com a amisade de um imperador autentico, que ia á sua casa e dizia que a verdadeira majestade ali era a dele, Victor Hugo.

O imperador não deixou em parte alguma vestigio nenhum de sua apregoada ciencia.

Muita gente perde de vista o que acontece com os chefes de Estado. A etiqueta proíbe que se lhes façam perguntas. Só eles é que tomam a iniciativa das conversas. Os outros respondem, si são interrogados, mas não têm o direito de interrogar.

Por outro lado, é de regra, quando um monarca

cometa. Até aí era razoavel. Mas foi logo acrescentando que do seu pequeno observatorio da Quinta da Boa-Vista já o vira. E esse acréscimo importava em mentira e tolice.

Liais não pôde deixar de felicitá-lo. Mas não pôde deixar de sorrir, ao menos intimamente, porque o cometa em questão estava a varios gráus abaixo do nosso horizonte. Nem D. Pedro, nem ninguem no hemisfério austral podia fazer tal observação!

Os louvaminheiros de D. Pedro II proclamavam por toda a parte que ele falava admiravelmte bem as linguas de todos os selvagens do Brasil.

Ora, aconteceu um belo dia que se aprisionaram alguns e vieram até o nosso Museu Nacional.

D. Pedro para lá se dirigiu e... falou-lhes.

Nenhum o entendeu... Com esse fiasco, se divertiram os jornais da época.

Ninguem sabe aliás quando o imperador poderia ter adquirido a sua encroada ciencia.

Ele era ainda um rapazola, quando, sófrego do poder, apressou a declaração da maioridade e começou a reinar. Tinha 18 anos. Os seus conhecimentos não iam além dos cursos preparatorios.

Não iam e nunca foram.

Tinha, porém, a mania de passar por sabio. Mania incontestavelmente mais inocente que si ele tivesse querido passar por valentão ou qualquer coisa analoga...

Em todo caso, um fato é incontestavel : nunca, ninguém, em parte alguma, mostrou nenhum trabalho científico de sua autoria.

Monarcas, homens de ciencia, não têm faltado. Muitos deixaram trabalhos de valor. Pedro II não exhibiu jamais trabalho nenhum, de natureza nenhuma.

Algumas pessoas se enganam supondo ver uma confirmação do valor científico de D. Pedro II no fato de ter ele sido Membro do Instituto de França.

Esse titulo se dá frequentemente a chefes de Estado, que protegem as ciencias, embora tais personagens não tenham pretensão alguma de ser sabios.

E por esse motivo D. Pedro II merecia a distincção, porque sempre acolhia aqui muito bem os sabios europeus, foi o primeiro a crear fóra de França um Instituto Pasteur, e concórreu para a criação do proprio Instituto francez. Atos de louvavel bene-merencia, mas que não autorisam ninguém a passar como sabio.

Os marechais Joffre e Foch, bem como o general Pershing foram feitos doutores honoris causa de grandes universidades inglezas e norte-americanas. Simples honruria, do mesmo genero da que foi concedida a Pedro II. Nenhum deles passou por isso a ser considerado um sabio.

Por cumulo, esse homem bom, si assim se pode dizer, a que o povo chamava "o Banana", viajou, foi á Europa, foi aos Estados-Unidos, mas não foi... ao Brasil. No fim de seu longo reinado, não tivera a curiosidade de conhecer grande parte do seu Imperio. A curiosidade nunca lhe faltou para durante longas horas de cada dia lêr cartas anonimas e anotá-las com o seu lapis, a que então se chamava "o lapis fatidico".

Mas tudo isso pode ser deixado de parte. O essencial neste volume é fazer a prova de que os "Sonetos do Exilio" são uma descaradissima impostura literaria. O homem, que, no principio de 1889, deixava publicar a espantosa estrofe á Princeza da Baviera :

Sol qu'espia á meia-noite
 não achaste extravagante ?
 Mais belo, e sisudo foi-te
 o meu, a horas, brilhante",

não podia, mezes depois, acabrunhado pelo exilio, pela idade e pela doença, fazer aqueles sonetos.

Quando estava ainda no trono, o imperial "geógrafo" decidiu-se, um dia, a uma arriscada viagem de exploração : foi á Ilha Grande, que fica dentro da baía do Rio de Janeiro. Logo depois, appareceu nos jornais um soneto, que se dizia feito por ele :

A ILHA GRANDE

é grande, é muito grande, a Ilha Grande,
cercada de agua por todos os lados,
perto de Angra dos Reis, meus antepassados,
é grande, é muito grande, a Ilha Grande.

O *Riachuelo* tambem não é pequeno,
mas custou um dinheirão ao Estado,
que eu acho aliás bem empregado,
porque o *Riachuelo* tambem não é pequeno.

E o céu e o mar e o vale e a terra
não são grandes tambem ? E a praia ?
Tanta grandeza até me aterra...

Minh'alma de prazer quasi desmaia :
tudo é grande na patria : o vale, a serra,
o mar, o Bedengó, e o Mota Maia...

Este soneto é evidentemente apócrifo. Mas ele mostra como a gente do tempo do Imperio fazia justa idéa da inspiração imperial. Basta pôr, lado a lado, os dois versos seguintes, o primeiro dos quais é de autenticidade indiscutivel, para ver que podiam ser do mesmo autor :

Andar, andar, andar é a vida a bordo...
É grande, é muito grande, a Ilha Grande...

Em todo caso, os leitores têm adiante tudo o que Imperador produziu em materia poetica. Absoluta-

E aliás sabio em que? Em fisica? Em quimica? Em Astronomia?...

Não ha quem o possa dizer — e no entretanto não se conhecem mais sabios universais, por assim dizer, polivalentes.

Quando a diplomacia brasileira se pôz em campo para obter que ele fosse nomeado socio correspondente da Academia de Ciencia de Paris, a grande associação se viu em sérios embarços. De fato, ella é dividida em secções, de acôrdo com as ciencias com que cada uma se occupa. Onde encaizar D. Pedro?

Afinal, um homem de imaginação descobriu: D. Pedro foi feito socio correspondente da secção de "geografia"!

Os academicos francezes não tiveram de certo, noção exacta de como essa escolha era intensamente comica, atendendo a que D. Pedro, embora tendo tido um longuissimo reinado, nem ao menos fizera a descoberta geografica do seu proprio paiz, do qual desconhecia a maior parte.

Quem tomava o Anuario do Instituto, ao tempo em que D. Pedro dele fazia parte, achava uma cousa curiosa. Diante do nome de todos — absolutamente todos — os socios correspondentes estava a menção dos seus titulos scientificos para essa alta investidura. Diante do nome dele — exceção unica! — não havia absolutamente nada...

Todas as famas de D. Pedro II foram exageradas, deformadas ou inventadas.

Houve, por exemplo, quem falasse na "ditadura da honestidade" que ele exerceu. De fato foi um homem honesto, que abominava (era um bom traço) os deshonestos.

Mas tudo isso era feito mesquinamente.

No fundo do seu palacio um dos seus grandes prazêres era receber cartas anonimas, acusando este ou aquele. E, pronto, mandava indagar si a acusação era exata.

Não resolveu nenhum grande problema nacional. O da Abolição o fez perder o trono. Sempre, todos os que estudam as grandes questões nacionais do seu tempo, reconhecem que ele não as soube encarar devidamente.

Mas, em compensação, podia dizer com segurança si um obscuro amanuense de uma repartição de infima classe em Mato-Grosso ou Goiaz tinha ou não tinha uma amante! As cartas anonimas o informavam!

Nessa vidinha mesquinha de velha alcoviteira, se passou o seu tempo. Honesto, sim incontestavelmente; mas tendo tudo o que precisava, como acontece aos monarcas, para os quais se votam grandes dotações: dotações para ele, para a mulher, para cada um dos filhos... Honestidade com menor merecimento que as dos pobres.

mente tudo : o autentico e o apócrifo. Poderão julgar, portanto, o que foi como poeta, D. Pedro II, o homem do "sol sisudo".

D. Pedro II é uma personalidade histórica, sujeita, portanto pelos seculos adiante, a quaisquer criticas. É um direito permanente ; que todos podem exercer. Não se trata de respeito ou desrespeito ao seu nome.

Trata-se de firmar a verdade sobre a sua figura, debaixo de um dos aspetos, que mais o interessavam, e que por conseguinte não pode desinteressar a posteridade.

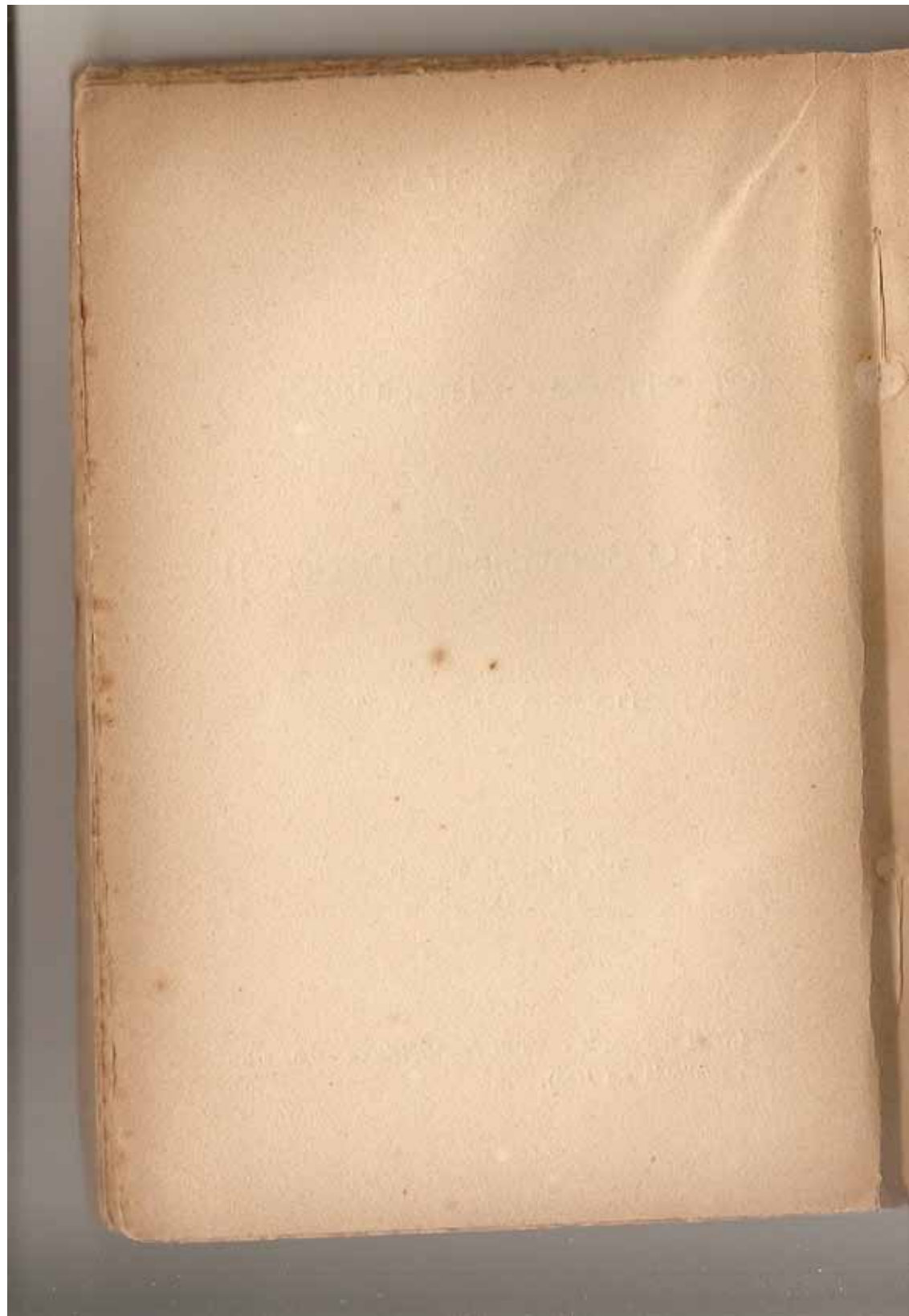
O secretario indiscreto de Anatole France contou que quando este passou pelo Brasil, admirou-se de que por toda parte lhe fizessem de D. Pedro II com uma veneração extrema, gabando-o como sabio, como artista, como administrador e como homem. E em certa ocasião o escritor francês não pôde deixar de perguntar por que, si ele era tudo isto, o tinham deposto.

Pergunta perfeitamente logica.

Mas, de véras, o que se sabe é que ele não tinha nenhuma daquelas qualidades. E foi exatamento por isso, que se viu muito justamente deposto.

Os adulares excessivos de sua memoria esquecem-se de que, para exaltá-lo, precisam deprimir o Brasil.

Poesías Aulfenticas



I

A' morte do principe D. Pedro

Pode o artista pintar a imagem morta
Da mulher, por quem dêra a propria vida.
A' esposa que a ventura vê perdida
Casto e saudoso beijo inda conforta.

A imitar-lhe os exemplos nos exhorta
O amigo na extrema despedida...
Mas dizer o que sente a alma partida
Do pae, a quem, oh Deus, tua espada córta.

A flôr de seu futuro, o filho amado;
Quem o pode, Senhor, se mesmo o Teu
Só morrendo livrou-nos do peccado.

Se a terra á voz do Golgotha tremeu,
E o sangue do Cordeiro Immaculado
Até o proprio céu ennegreceu!

vai receber qualquer visita de algum alto personagem, ou visitar qualquer estabelecimento, que o secretario ou camarista de serviço lhe forneça pouco antes algumas informações. Não ha nisso sinão cortezia e correção.

Certa vez, em janeiro de 1915, o então Encarregado de Negocios da Inglaterra no Brasil, contou-me o que lhe sucedêra quando estava na Dinamarca e o rei Eduardo VII ali foi em visita.

Assim que Eduardo VII desembarcou, apertou-lhe a mão afetosamente, pedindo-lhe noticias do tempo em que o jovem diplomata tinha estado na Austria. A seguir, falou-lhe do pai com quem estivera pouco antes em Londres. Parecia que o Rei o conhecia intimamente e que se interessava muito, mesmo pela sua família.

No entanto, disse-me o Encarregado de Negocios, estava bem certo de que, até alguns minutos antes, o rei nunca se preocupára com ele. Tudo o que lhe estava dizendo aprendêra pouco antes com o camarista de serviço, que explicara ao monarca quem o ia receber.

Entretanto, acrescentava o diplomata que não podia deixar de ser agradecido ao rei, por dar-se áquele incomodo, só para lhe ser agradável. Por sua arte Eduardo VII fizera o seu dever.

Esse sistema é o mesmo em toda a parte. Guilherme II, quando imperador da Alemanha, o apli-

cava sempre que desejava agradar. Indo a um laboratório medico, a um grande hospital, a um observatório astronomico, aprendia a lição pouco antes de partir. Alguem lhe dizia o que havia ou se estava fazendo de interessante no estabelecimento a que se dirigia. O Presidente da Republica e os Ministros em toda a parte fazem o mesmo: é uma função normal do pessoal dos seus gabinetes.

Em certa ocasião Guilherme II foi á Suissa. Com cada um dos tres chefes do Estado da pequena republica ele conversou como convinha, dos negocios de que o seu interlocutor mais entendia. E como um deles era um grande criador de pccos, Guilherme II se mostrou entendido, douto e profundo, nesse assunto! Ciencia aprendida, poucas horas antes...

Entre nós, o "espirito-santo de orelha" do imperador parece que foi durante muito tempo o visconde do Bom-Retiro.

O imperador tinha, porém, tendencias charlatanescas, que o levavam muitas vezes a estragar as lições que aprendia.

Certa vez, por exemplo, visitou o Observatorio Astronomico. Pouco antes de partir para essa visita, o encarregado de tal tarefa lhe disse o que havia e mencionou que um novo cometa fôra descoberto.

D. Pedro, chegado ao seu destino, aludiu a isso. Falou a Emmanuel Liais, o diretor, sobre o novo

Larmes d'un père

(Traduction de Mr. Liégeard.)

Au roir du long sommeil, l'artiste, sur la toile,
De son ange endormi peut réveiller les traits.
Un baiser chaste au front que déjà la Mort voile
Soulage encore l'épouse et trompe ses regrets.

Dans son adieu l'ami briller une étoile...
Mais dire ce que sent, courbé sous tes arrêts,
Le père dont ton glaive a pénétré la moelle
En coupant de ses jours la fleur pleine d'attraits.

Son fils!... Qui le pourra, Seigneur, si le tien même
Laisse des pleurs de sang du diadème,
Si la terre, à la voix du Golgotha, trembla,

Si le feu de l'éclair qui déchirait les nues
Fit passer dans le ciel des terreurs inconnues,
Quand pour nous, noirs pêcheurs, l'agneau pur s'im-
[mola!

II

Antes da partida

Cumpri o meu dever; si mais não fiz
E' que a molestia me impediu a acção,
Da patria e da familia é o coração,
E p'ra seu bem eu tudo sempre quiz.

Este adeus tão saudoso, que lhes diz
Quem os ama, só tem consolação
Na ideia de voltar qual d'antes são
Para entre elles viver sempre feliz.

Em tanto passarei tão longas horas
Vendo os progressos dos que mais viveram
E aos Brasileiros dando os meus emboras;

Pois seus antigos dotes não perderam,
Melhores adquirindo todas as horas;
No que a muitos outros excederam.

Tijuca, 30 de Junho de 1887.

III

A idéa consoladora

Vendo as ondas correr para o occidente,
Corre mais do que ellas a saudade,
Mas espero que a minha enfermidade
O mesmo me consinta brevemente.

Com saúde mais lustre dar à mente
E' cousa que ennobrece a humanidade;
Comtudo agora o paga a amizade
Da patria, e da familia, cruelmente;

Mas consola-me a idéia, — que mais forte
Lhes voltarei para melhor amal-os;
Pois mais annos assim até a morte

Eu mostrarei que sempre quiz ligál-os
Na feliz, e tambem na infeliz sorte
Para, amando-os, ainda consolal-os.

Bordo do Gironde, 4 de Julho de 1887.

IV

Sempre o Brasil

Nunca noite dormi tão sosegado,
Quem nem mesmo sonhei com o meu Brasil,
Porém, vendo infinito o mar d'anil,
Lembra-me a aurora d'elle nacarada,

Cada dia que passa não é nada,
E os que faltam parecem mais de mil.
Se o tempo que lá vivo é um ceutil,
Aqui é para mim grande massada.

E a doença porém me consentir,
Sempre pensando n'elle, cuidarei
De tornar-me mais digno de o servir.

E, quando possa, logo voltarei;
Pois na terra só quero eu existir.
Quando é para bem d'elle que eu o sei.

Bordo do Gironde, 7 de Julho de 1887.

V

A vida a bordo

Andar e mais andar é a vida a bordo;
Mal estudo, e apenas eu vou lendo;
A noite com a musica entretendo;
Deito-me cedo, e mais cedo accordo.

Saudosissimo a patria eu recordo,
E, p'ra consôlo versos lhe fazendo,
Desenho terras só aquella vendo,
E para não chorar os labios mordo.

Emfim ha de chegar, eu bem o sei,
Que o Brasil eu reveja jubiloso;
E, se outrora em servi-lo só pensei,

Muito mais forte e muito mais zeloso.
Para ainda mais servi-lo, voltarei
Té que n'elle encontre o ultimo repouso.

Bordo do Gironde, 14 de Julho de 1887.

La vie a Bord

(Traduction du Baron de Roussado)

Voici la vie à bord: aller, aller, A peine
Je veux étudier ou lire, et triste alors
La musique le soir un passe-temps m'amène;
Puis je me couche tôt et tôt au lit je dors.

Rongé de souvenirs de ma rive lointaine,
Je me console un peu lui donnant mes accords;
Des terres découvrant je ne vois que la mienne,
Et si je ne pensais qu'à son bonheur neguère,

Le jour doit revenir, je le crois, je l'espère;
Où mon Brésil chéri je reverrai joyeux;
Et si je ne pensais qu'à son bonheur naguère,

Plus fort et dévoué, prêt à le servir mieux,
Oui, je retournerai, j'entrerai, l'âme fière
De le trouver encore et grand et généreux.

VI

Saudades da Patria

Mais um anno que passe, mais eu sinto
O que a patria e os meus são para mim,
E vê-los só com a alma, longe assim,
E' dôr que, embora tente, eu não pincto;

Porem do coração o vivo instincto
Que mais se m'entranhou depois que vim,
Segreda-me benigno um terno sim
Que só p'ra meu amor é bem distincto.

Tudo por onde eu ando o repercute;
Em tudo o ouço, allivio da saudade;
Porem quem ha que o falso bem repute,

Ser a sua gozada f'licidade,
Quando n'ausencia tristemente lucte
Co'os pungentes espinhos da saudade?

VII

**A meus netinhos
impressores de meus versos**

Versos feitos por mim na mocidade
O merito só tem do sentimento.
Erão, p'ra assim dizer, um instrumento
Mais que o prazer echoando-me a saudade.

Pospondo a phantasia sempre á verdade
Melhor encontrei nesta o ornamento,
E, no estudo apurando o sentimento,
Quanto tenho a saber disse-me a idade.

E' isso o que vos quero eu ensinar,
Amando-vos qual pôde um terno avô,
A quem para as suas cans engrinaldar

Melhor só poderia o que eu vou
Em caricias tão vossas procurar,
Sentindo que de vós inda mais sou.

18 de Novembro de 1888.

Nota: — Feito por S. M. depois de receber a primeira pagina d'esta publicação.

Quadra

A' princeza Thereza de Baviera que viu o sol
a meia-noite no cabo do norte da Noruega.

Sol qu'espia á meia-noite
Não achaste extravagante?
Mais bello e sisudo foi-te
O meu a horas brilhante.

2 de Outubro de 1888.

VERSÕES

Episodio do Conde Ugolino

(Trad. da Divina Comedia de Dante)

A bocca levantou do feroz pasto
O peccador, limpando-a no cabelo
Da cabeça, que atraz já tinha gasto.
E começou: tu queres revivêl-o
O desespero que minha alma sente,
Só de pensal-o; inda antes de dizêl-o.
Porem, se meu discurso, qual semente,
Brota infamia ao traidor a quem devôro,
Fallar, chorar verás tu junctamente.
Quem tu sejas não sei; mas Florentino,
Si te ouço, em te chamar não me demoro.
Saberás que fui eu o Conde Ugolino,
E Rogerio arcebispo este malvado;
Ouve, porque sobre elle assim me inclino;
Dizer quo por intento seu damnado
N'elle fiando-me, elle me prendeu
E depois me matou, é excusado:
Mas certamente o que não tens ouvido,
E' como foi cruel a minha morte;
Ouve e saba se fui d'elle offendido.

N'um vão estreito, dentro d'esse forte,
Que a chamar-se da fome de mim veio,
E onde a outrem aguarda triste sorte,
Assaz pela setteira o disco cheio
Vira eu da lua, quando um pesadelo
Rasgou-me do futuro o véu ao meio:
Qual dono e amo á caça, posso crê-lo,
D'um lobo e lobosinhos na montanha
Que ao de Pisa o de Lucca impede vê-lo,
Magras cadellas em constante sanha,
Os Lanfrancos, Sismondis collocando
E Gualandos na frente da campanha;
Mas na curta carreira já cansado
Pae e filhos, agudos dentes vão
Seus membros com furor atassalhando.
Antes d'aurora me acordei e então
Ouvi meus filhos, junto do meu lado
Chorar dormindo e me pedirem pão,
E's bem cruel, se já não estás magoado
Do que meu coração me adivinhava,
E, se não choras, de que tens chorado?
Accordados, a hora já chegava,
Que soião trazer-nos a comida
E cada um com o sonho vacillava.
Eis que ouvi que fechavão a sahida
De horivel torre; logo o rosto olhei
De meus filhos sem dar signal de vida.

Não chorava, que em pedra me tornei,
Elles sim; o Ancelminho, que é tão meu,
Disse: Que tens? O que olhas, qae, não sei.
E não chorei, e não respondi eu
Por todo o dia e toda a noite inteira,
Tê que no mundo novo sol se ergueu!
Ao entrar pouca luz pela setteira
No doloroso carcer, descobri
Minha cara nas quatro verdadeira;
De desepero ambas as mãos mordi,
E crendo que o fizera por vontade
De comer, levantarão-se d'ali,
E disserão: Oh Pae, maior piedade
E' comeres de nós: tu nos vestiste
Das pobres carnes, tira-as sem saudade
Soceguei por não ver cada um mais triste.
Este dia, mais outro passa-se calado.
Ah, crua terra, porque não te abriste?
Quando por fim o quarto é já chegado,
Gaddo a meus pés atira-se ao comprido
E diz: Não me soccorres, pae amado?
Ahi morreu, e qual me vês cahido,
Os trez vi eu cahir de um em um,
Do quinto ao sexto dia; já perdido,
Coço me puz a apalpar cada um.
Trez dias os chamei, mortos estando.
Mas pode mais que a dor emfim o jejum.

Assim fallou, e, os olhos revirando,
Ferra de novo, o craneo com os dentes
Fortes de um cão a um osso esmigalhando.
Ah Pisa, vituperio vil das gentes
Da bella terra, aonda o si resôa,
Se os visinhos não punem-te indolentes,
Vem Gorgona, Capraia, em hora bôa,
Formar um dique do Arno sobre a foz,
Tal que elle afogue a ultima pessôa.
Se do povo o Ugolino o accusa a voz,
Pelos castellos teus atiaçados,
Seus filhos não merecem morte atroz.
Eram por terna idade innocentados.
Oh nova Thebas, Hugo e o Brigata
E os outros dois no canto nomeados.

Episodio de Francisca de Rimini

(Trad. da Divina Comedia)

E comecei: poeta, boa mente
Fallarei a esses dous que juntos vão,
Qual á mercê do vento velozmente.
E elle a mim: os verás n'outra occasião
Mais proximos de nós, e então lhes pede
Pelo amor que os conduz, e elles virão.
Logo que o vento a nosso lado os cede,
Desprendo a voz: Oh almas afanadas,
Vinde fallar-nos, ninguem o impede.
Leves pombas, da saudade magoadas,
Com pandas firmes azas vem pelo ar
Ao doce minho, do querer levados;
Taes o bando de Dido eil-as deixar,
Para nós vindo pelo ar maligno;
Tanto a voz da affeição pouda gritar.
Gracioso vivente, que benigno
A nós, por quem já sangue foi disperso,
Vens visitar pelo ar negro e mofino,
Se amigo fosse o Rei do Universo,
Nossas preces terias por tua paz;
Pois que tens dó do nosso mal perverso.

De tudo que fallar e ouvir te apraz
Servir-nos e fallar-nos tem cabida
Emquanto o vento, como agora jaz.
Está a terra aonde entrei na vida
Sobre a marinha aonde a Pó re lança,
P'ra com os sequazes descansar da lida.
Amor, que a um peito nobre logo alcança,
Prende-o da bellissima pessoa,
Roubada a mim, e o modo é atroz lembrança.
Amor, que nunca ao amado amor perdôa,
Ligou-me a este com prazer tão forte
Que, como vês, ainda me agrilhôa.
Amor nos arrastou á cruel morte:
Caina que extinguiu as nossas vidas.
E ambas nos fallarão de tal sorte.
Logo que ouvi as almas doloridas,
Baixei o rosto e conservei — o assim,
Té que o poeta me disse: Em que tu lidas?
Respondendo exclamei: Bem triste, sim !
Que doces pensamentos, que desejo
Os conduziu ao doloroso fim !
Volto-me então e fallo n'este ensejo:
Francisca, os teus martyrios lastimosos
De choral-os piedoso não me pejo;
Mas, quando houve os suspiros deliciosos,
Porque e como permittiu o amor
Que os desejos sentisses duvidosos ?

E ella a mim: nenhuma maior dôr,
Que lembrar-se do tempo tão feliz
Na desgraça, e bem o sabe o teu doutor.
Porem, se conhecer bem a raiz
Do nosso amor, te é causa de prazer,
Farei como qualquer que chora e diz:
Lendo um dia nas horas de lazer
A Lanceloto como o amor rendeu,
Stavamos sós, sem nada que temer.
A leitura por vezes nos ergueu
Os olhares e o rosto descorado;
Porem só um ponto foi que nos venceu,
Quando lemos que o riso desejado
Sentia o beijo de tão fino amante,
Quem nunca sahirá d'este meu lado
A outrora chora e tanto o dó me attrae,
Galeoto era o livro e seu autor;
N'esse dia não lemos para diante.
Emquanto essa alma conta o seu labor,
A outra chora e tanto o dó que me attrae,
Que desmandei, da morte sob a côr,
E cahiu como corpo morto cae.

Cinco de Maio

(Trad. de Manzoni)

Morreu e, qual marmoreo,
Sólto o postremo alento,
O corpo jaz exanime,
Orphão d'um tal portento;
Assim surpresa, attonita,
A terra c'a nova está.

Muda pensando na ultima
Hora do homem fatal,
Nem sabe se tão celebre
Planta de pé mortal
Seu pó de sangue avido
Inda pisar virá.

Fulgido sobre o solio
Meu genio o viu; calou-se
Quando, por vezes varias,
Cahiu, surgiu, prostrou-se
A minha voz d'innumeras
Ouvido não terá.

Virgem de vil encomio
E de covarde insulto,
Surge, abalado ao subito
Finar do ingente vulto,
E solta á urna um cantico
Immorredor quiçá.

Dos Alpes ás Pyramides,
Do Manzanar ao Rheno,
Elle fuzila; e rapido
Raio é o' seu aceno.
Troou de Scylla ao Tanais
D'um até outro mar.

Foi vera gloria? Aos posteros
A ardua sentença; a nós
Curvar a fronte ao Maximo
Factor, que d'elle apoz
Quiz de seu almo Espirito
Rasto maior deixar.

O proceloso e trepido
Prazer d'um grande plano,
A ancia de quem indomito
Serve p'ra ser sob'rano,
E o é: e ganha premio,
Que era mania esp'rar;

Tudo provou: a gloria
Maior depois dos transe;
A fuga e a victoria;
Do paço e exilio os lances;
Duas vezes no pó infimo;
Duas vezes sobre o altar.

Seu nome diz: dous seculos,
Um contra o outro armado;
Humildes vão render-se-lhe
Como aguardando o fado.
Impoz silencio, e arbitro
Entre elles se sentou.

E foi-se! E os dias no ocio,
Em praia exigua finda;
Alvo de inveja livida,
E da piedade infinda;
D'inextinguivel odio,
E amor, que não mudou.

Como a cabeça ao naufrago
A onde verga e envolve;
Onda na qual o misero
De cima a vista volve,
E a divisar esforça-se
Praia remota em vão;

Tal da memoria o cumulo
Sobre aquella alma cae.
Que vezes elle aos posteros
A si narrar-se vae;
E sobre a eterna pagina
Tomba a cansada mão!

Que vezes elle, ao tacito
Morreu d'ignavo dia,
Baixo o olhar fulmineo,
Braços cruzados, via
Os dias que já forão-se
A mente lh'assaltar!

As moveis tendas lembrão-lhe
Dos muros os abalos,
Dos sabres os relampagos,
A onda dos cavallos;
O concitado imperio,
O prompto obedecer.

Talvez ao cru' martyrio
Cedeu o forte seio;
Desesperou; mas valido
Braço celeste veio,
E para um ar mais limpido
Piedoso o transportou.

E guia-o pelo florido
Trilho da esperança
Ao campo eterno, ao premio
Que além do almejo avança;
Onde é noite, é silencio

A gloria que passou.
Bella, immortal, benefica
Fê, a vencer afeita,
Inda isto escreve: alegre-te.
Que alteza mais elejita
Ao deshonor do Golgotha
Jâmais se prosternou.

Tu, d'estas cinzas frigidias,
O impio fallar isola.
Deus que te abate e eleva-te,
Que te afflige e consola,
Sobre o deserto thalamo
Ao lado seu pousou.

A Canção dos Latinos

(Traduzido da versão em italiano por Leonida Olivari da canção provençal)

Cara Italia, irmã amada,
Romana stirpe a brilhar,
P'ra os Latinos destinada;
Splendido astro a scintillar.
E's a terra que se chama
Das Musas e do amor,
Pois de Roma a excelsa fama
Te affirma gloria e louvor.

Italos, Francos, Iberos e Engadinos,
Cantemos d'accordo; pois somos Latinos.

Portuguez bom marinheiro,
E tu, altivo Hespanhol,
Que, das Indias caminheiro,
Achaste terras do sol,
E ahí o ouro buscando,
Lhes levaste redempção,
A seus povos ensinando
Latina lingua e invenção.

Italos, Francos, &

No Tyrol, na Engadina,
Na tua baita, oh Grijão,
Na tua lingua ladina
Solta preces e canção.
Onde o Danubio se pasce
Canta-te livre o Trajano
E o Rameno; e em ti renasce
O alto genio do Romano.

Italos, Francos, &

Tu minha bella Provença,
Sempre crescente em splendores;
Fonte eterna de Juvença,
Patria és dos Trovadores,
Porto d'Aix, se do Norte
Nuvem negra o céu velou,
Acudiu Mario, e de morte
A Roma o poder salvou.

Italos, Francos, &

E tu, oh França heroína minha,
Com justiça, qual rainha,
Sol de progresso serás,
Entre as irmãs te verás.
Nem mais guerra ou afan assim
Deus te accóde e guiará;
Durante annos sem fim
Tua raça triumphará.

Italos, Francos, &

La canzone dei Latini

Cara Italia, suora amata,
Dei Roman sangue preclar.
Sui latin predestinata
Splendid' astro a scintillar.
Sei la terra che si noma
Delle Muse e degli amor ;
Chè la gran fama di Roma
T'assecura gloria ognor.

Itali, Franci, Iberi ed Engadini,
Contiam d'acordo, tutti siam Latini.

Portoghese ,buon marino,
E tu pur fiero Spagnol
Che dell'India in tal cammino
Discoprìsti ignoto suol,
E laggù l'oro cercando
Vi portasti redenzion :
A quei popoli insegnando
Dei Latin l'arte e il sermon.

Itali, Franchi, &

Nel Tyrol, nell'Egradina ;
Nella tua baita, oh Grigion,
Nella tua lingua ladina
Fà tue preci e tua canzon.
Del Danubio in sulle rive
Libertá conta Traian ;
Rumen canta ; e in te revive
L'alto genio del Roman.

Itali Franchi &

E tu mia bella Provenza
Che ogni di cresce in splendor
Fonte eterna di Giuvenza,
Patria sei dei Trovador.
Presso ad Aix quando dal Norte
Cupo nembro il rol veló;
Mario accorre, e dalla morte
Il romano imper salvó.

Itali, Franchi; &

E tu Francia, tu eroina,
Caldo sol di civiltà ,
A ti il nome di regina
Fra le suore resterà.
Non piú guerre, non affanni ;
Dio t'assiste e guiderá ;
E per lunga serie d'anni
La tua razza trionferá.

Itali, Franchi, &

Aloys Blondel

Poesia de François Coppée

Lembras-te, Aloysio, quando o poeta vinha
Collocar-te nos joelhos buliçoso,
E o cabelo beijando-te mimoso,
Admirava tua cor e risos de festinha?

De ti se lembra. A loura cabecinha
Fazia-o, ah! sentir pesar cioso;
Pois, sem a dita do pae, ou a d'esposo,
Velho e só para a morte é que caminha.

Caro Aluisinho, filho de meu amigo,
Seja-te o anjo de Deus no somno abrigo;
E a estrada indique-te recta e segura;

E a estrada indique-te recta e segura,
Em teu olhar viril brilhe a luz pura
Que, oh criança, veio contigo dos ceus.

Aloys Blondel

Por François Coppé

Aloys, songes-tu quelquefois au poète
Qui t'attirait naguère entre ses deux genoux,
Et mettant un baiser sur tes cheveux si doux
Admirait ton teint et tes rires de fête?

Qui se souvient de toi. Devant ta blonde tête
Il éprouvait hélas! comme un regret jaloux;
Car privé du bonheur du père et de l'époux
Il vieillit solitaire et sa vie est mal faite.

Cher petit Aloys, ó fils de mon ami,
Que l'ange du Seigneur, qui te veille endormi,
Te fasse prendre un jour la route droite et sûre;

Et demeurant la joie et la fierté des tiens,
En ton regard viril garde la clarté pure
Que dans tes yeux d'enfant mit le ciel d'ou tu viens.

Soneto

Por Félix Anvers

Segredo d'alma, da existencia arcano,
Eterno amor num instante concebido,
Mal sem esperança, occulto a ente humano,
E nunca de quem fe-lo conhecido.

Ai! Perto d'ella desapercebido
Sempre a seu lado, e só, cruel engano,
Na terra gastarei meu ser insano
Nada ousando pedir e havendo tido!

Se Deus a fez tão doce e carinhosa,
Comtudo anda inattenta e descuidosa
Do murmúrio de amor que a tem seguido.

Piamente ao cru' dever sempre fiel
Dirá lendo a poesia, seu painel:
"Que mulher é?" Sem tê-lo comprehendido.

Sonnet

(De Félix Anvers)

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère;
Un éternel amour en un instant conçu;
Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le taire,
Et celle qui l'a fait, n'en a jamais rien su.

Hélas! J'aurai passé près d'elle inaperçu,
Toujours à ses côtes et pourtant solitaire,
Et j'aurai. Jusq'au bout, fini mon temps sur terre,
N'osant rien demander et n'ayant rien reçu!

Pour elle, quoique Dieu l'ait faite douce et tendre
Elle ira son chemin, distraite et sans entendre
Ce murmure d'amour élevé sur ses pas.

A l'austère devoir plensement fidèle,
Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle:
"Quelle est don cette femme?" et ne comprendra pas.

A Passiflora

(Poesia da Condessa de Chambrun)

Neste meu declinar é minha flor querida.
Chamem-na outros embora só flor da Paixão.
Eu a chamo flor da vida;
Ha pois differença? Não.
D'espinhos tem a corôa,
E escada aos ceus s'elevando;
Divinas gottas escôa,
Hysoope ou mel distillando.
Tem o verde da esperança;
Tem do luto o arroxado,
E' alegria, ou dôr que cansa;
Berço ou tumba de finado.
E' pois em meu declinio a minha flor querida;
Do dia que enlanguece tem o claro-escuro.
E' ella a imagem da vida;
E' o passado; é o futuro.

La Passiflore

(Par Madame la Comtesse de Chambrun)

Voici sur mon déclin, la fleur que j'ai choisie;
D'aucuns l'appelleront "fleur de la Passion".
Je la nomme "fleur de la vie",
Qu'importe? — C'est de même nom,
Elle la couronne d'épines,
Et l'éponge, aux gouttes divines
Tour-à-tour d'hyssope ou de miel.
Elle a le vert de l'espérance,
Elle a le violet du deuil;
C'est la joie et c'est la souffrance;
C'est le berceau, c'est le cercueil.
C'est donc, sur mon déclin, la fleur que j'ai choisie.
D'une teinte pareille au jour qui va pâlir,
Elle est l'image de la vie;
C'est le passé, c'est l'avenir.

Soneto

Por D. Mon

Risca a geada nos vidros arabesco;
E, se o raspo avistando vou lá fóra
Quem passa encapotado a qualquer hora,
De frio tiritando e bem grotesco.

Vae com o vento o chapéo; fica burlesco;
A arvore contra o vento não se escora,
E outra fere, morta muito embora,
Com seu saudar tão rude pottresco.

D'agora do lago faz subtil poeira
Que inunda caes e molha e a barca inteira,
Onde o frio em stalactites a converte;

Mas a gaivotasinha se diverte,
Globo argenteo sobre a agoa saltitante,
Como subtil pennugem fluctuante.

Sonnet

De D. Mon

Sur la vitre le givre a peint des arabesques;
Ce n'est qu'en les grattant qu'on peut voir au dehors
Passer emmaillotés du haut en bas du corps,
Les humaines grelottants, transis, piteux, grotesques.

Le grande cent indompté qui fait les arbres tors,
Le grande vont indompté qui fait les arbrestors,
Et jait s'entrechoquer entre les rapins morts,
Avec leurs saluts, raides et pittoresques.

Le vent qui soulève en poudre l'eau du lac,
Et la lance inondant quai, jîtée et tillac
Où le froid assitôt la change en stalactites,

Mais qui semble bercer les mouettes, petites
Boules de satin gris argenté, voletant
A la cime du flot, comme un duvet flottant.

Soneto a Coquelin

Por Jean Richepin

Quando ao pastor no exilio a gaita sôa,
Revê-vos elle searas, de papoulas cheias,
Ceu azul, patria sua, que com os sons enleias;
Trilhos d'amor onde a cabra voraz rôa.

E tudo em cantiga que alegre nos echôo!
Por isso partes apra em regiões alheias
Nossa lingua fallar com que tanto recreias,
Artista que te vaes; êcho da Musa bôa,

E' nobre a tua acção: mereces um obrigado;
Pois sei qu'estremecerá mais d'um exilado
Co'as lembranças da patria de que se gloria,

E do que receberá tão viva saudade,
Emquanto teu clarim, que altivo canto guia,
Solta o espirito francez por toda a immensidade.

Sonnet a Coquelin

Par Jean Richepin

Quand le pâtre en exil entend la cornemuse,
Il vous revoit, grands blés pleins de coquelicots.
Ciel bleu, terre natale aux gais cocoricos,
Sentiers broutés par la chèvre camuse.

Oui, tout cela, dans un refrain, qui nous amuse !
C'est pourquoi, toi qui vas à de nouveaux échos
Faire ouïr notre langue aux rires musicaux,
Comédien qui pars, porte-voix de la Muse,

Ton œuvre est bonne et vout qu'on t'en dise merc
Car plus d'un axilé va tressaillir aussi
En songeant au pays perdu dont il s'honore.

Et dont il reverra les souvenirs vivants,
Tandis que la chanson de ton clairon sonore
Sèmera de l'esprit français aux quatre vents.

Soneto

Por Sully Prudhomme

E' tarde; o astrónomo em noites continuadas,
Da torre e no ceu onde o som se esvae,
Busca ilhas d'ouro e quando a noite cahe
Vê brilhar infinitas alvoradas.

Voam mundos, sementes peneiradas;
Formigam nebulosas leite que se extrahe.
E ao astro que crinito pelos ares sahe
Cita que volte, éras mil passadas;

E volta o astro. Um passo ou um instante
Não pôde á eterna sciencia elle roubar.
Vae-se o homem; mas a humanidade é constante;

Movel a vista, sempre anda a velar;
E, embora esteja á volta já abolida,
Vigia a verdade só na alta guarida.

Sonnet

Par Sully Prudhomme

Il est tard; l'astronome aux veilles obstinées,
Sur sa tour dans le ciel ou meurt le dernier bruit,
Cherche des îles d'or et, le front dans la nuit,
Regarde à l'infini blanchir des matinées.

Les mondes fuient pareils à des graines vannées.
L'épais fourmillement des nébuleuses luit;
Mais, attentif à l'astre échevelé qu'il suit,
Il le somme, il lui dit; Reviens dans mille années;

Et l'astre reviendra. D'un pas ni d'un instant
Il ne saurait frauder la science éternelle.
Des hommes passeront, l'humanité l'attend ;

D'un œil changeant, mais sûr, elle fait sentinelle;
Et fût-elle abolie au temps de son retour,
Seule la vérité veillerait sur la tour.

Soneto

Por Sully Prudhomme

A Ursa, archipelago de mar sem praias,
Muito antes de ser vista scintillava.
Inda o pastor chaldêo não vagueava.
E, alma anciosa, o corpo não ensaiaes.

Innumeros vêem, por tempo que não tem raias,
Sua remota luz que já os deslumbrava;
Indifferente á vista que a serutava,
Brilhará a Ursa, quando, oh ultimo morto, caias,

Não tens feição christã, espanto és do crente.
Fatal figura, de rigor algente,
Sete aureos cravos em panno enlutado,

Teu medido vagar, frigida luz,
Vem turbar minha fé, e isto m'induz
A ver porqu'eu á noite tenho orado.

Sonnet

Por Sully Prudhomme

La Grande Ourse, archipel de l'Océan sans bords,
Scintillait bien avant qu'elle fût regardée ;
Bien avant qu'il errât des pâtres en Chaldée,
Et que l'âme anxieuse eût habité les corps.

D'innombrables vivants contemplant depuis lors
La lointaine lueur aveuglement dardée ;
Indifférent aux yeus qui l'auront obsédée,
La Grande Ourse luira sur le dernier des morts.

Tu n'as pas l'air chrétien le croyant s'en étonne,
Oh figure fatale, exacte et monotone,
Pareille à sept clous d'or plantés dans un drap noir.

Ta précieuse lenteur et ta froide lumière
Déconcertent la foi : c'est toi qui la première
M'as fait examiner mes prières du soir .

O Magistrado

Soneto dedicado ao Tribunal da Relação d'Aix
pelo seu Presidente o Sr. Rigaud.

Si fractus illabatur orbis.

Não embalar ninguém com sonho lisongeiro,
Que faça buscar longe a gloria e a fortuna ;
E a doce patria sendo-lhe o mundo inteiro,
Beber com singeleza a taça que nos una ;

Ouvir sem se cansar o advogado eloquente ;
Comparar as razões; saber a que coaduna ;
E em concisa sentença e tambem evidente
Convencer quem litiga, ou arrostar quem puna ;

Mandar ao coração, obedecendo á lei ;
Dobrar ao mesmo jugo a Liga como o Rei ;
Vêr sereno do barco o mar, que é um novêlo ;

E em pé morrer, se tudo é desbarato;
Assim é o magistrado, e faço-lhe o retrato,
Em cada um de vós achando o meu modêlo.

Le Magistrat

Sonnet dédié à la Cour d'Aix par son Président Rigaud

Si fractus illabatur orbis,

Ne caresser aucun de ces rêves divers
Qui font chercher au loin la gloire ou la fortune ;
Et de son doux pays faisant son univers,
Boire modestement à la coupe commune ;

Oùir sans se lasser les avocats deserts,
Comparer leurs raisons, savoir en choisir une,
Et puis par des arrêts aussi sobres que clairs,
Convaincre les plaideurs ou braver leur rancune ;

Commander à son cœur, n'obéir qu'à la loi ;
Soumettre au même joug et la Ligue et le Roi ;
Garder un front serein si la barque chancelle ;

Mourir debout le jour où tout s'écroulerait ;
Voilà le magistrat ! Quand j'ai fait ce portrait,
Chacun de vous, Messieurs, m'a servi de modèle.

A Terra Natal

Soneto de Rigaud, dedicado á aldêa de Pourrieres.

Nescio quá natale solum dulcedine cunctos
Sumit et immemores non sinit esse sui.

(Ovid. Pont. ep. 3)

Paisinho, onde o céu me fez nascer;
Onde meus avós dormem juncto á cruz;
Onde como ninguém fez-me aprender
Meu pae tudo o que sei e devo crer.

Tecto humilde, que folgo de rever;
Torrinha, que de longe terna luz;
Monte, onde vejo o sol a se esconder;
Valle, onde o amor primeiro me seduz;

Vós, caros sitios, de que zelo a imagem;
Patrio aroma, e do jovem só miragem;
Paz dos campos que applaca-nos a mente;

Eis que vos acho ao declinar da vida!
Que vale pois riqueza appetecida?
Tudo é sonho; mas vós dita sómente.

Le Sol Natal

Sonnet de Mr. Rigaud, dédié au village de Pourriers

Nescio quâ natale solum dulcedine cunctos
Sumit et immemores non sinit esse sui.

(Ovid. Pont. ep. 3)

Pauvre petit pays où le ciel m'a fait naître,
Où dorment mes aïeux à l'ombre de la croix,
Où mon père m'a appris, mieux qu'aucun autre maître,
Et tout ce que je sais et tout ce que je crois !

Humble toit que mon œil se plaît à reconnaître,
Clocher qui m'attendrit dès que je l'aperçois !
Montagne où je voyais le soleil disparaître,
Doux vallon où j'aimai pour la première fois;

Et vous tous, lieux chéris dont j'ai gardé l'image,
Parfums du sol natal, souvenirs du jeune âge,
Paix des champs qui s'accorde avec la paix du cœur :

Je viens vous retrouver au déclin de la vie !
Que valent près de vous les biens qu'on envie ?
Ils sont le rêve, et vous, vous êtes le bonheur.

Soneto

Pelo General Carnot

Ventura! só a ti o mundo aspira;
Tens validos nas côrtes? nas aldeias?
Em Sparta? em Subaris? no campo? ou junto á pira?
Bosque escolhes guardar? cabras alheias?

E's tu prazer, ou gloria, ou és mentira?
Goso, ou ausencia de desgraças feias?
Amisade? ou amor? cilicio que nos fira?
Paz? dotes? saber? campas de horror cheias?

Impacientes mortaes, é a esperança;
D'um puro coração a c'rôa entrança,
Resiste aos votos, chega inesperada.

Divino dom, esta celeste chamma
Não se define; é o pão que a alma reclama;
Sabe-se-lhe o valor quando passada.

Sonnet

Par le Général Carnot

Bonheur! Oh toi pour quoi tout se meut sur la terre,
Tes favoris sont'ils chez les grands? aux hameaux?
A Sparte? à Sybaris? au camp? au sanctuaire?
Préfères-tu les bois? la garde du troupeau?

Es-tu la volupté? la gloire? une chimère?
Le désir satisfait? ou l'absence des maux?
Est-tu dans l'amitié? dans l'amour? sous la haire?
Dans la paix? le savoir? les vertus? les tombeaux?

Impatients mortels, il est dans l'espérance;
Il est dans notre cœur, couronne l'innocence,
Il résiste à nos vœux, et vient inattendu.

Ce présent du Très-Haut, cette céleste flamme,
Ne peut se définir; il est le pain de l'âme,
On n'en connaît le prix que quand on l'a perdu.